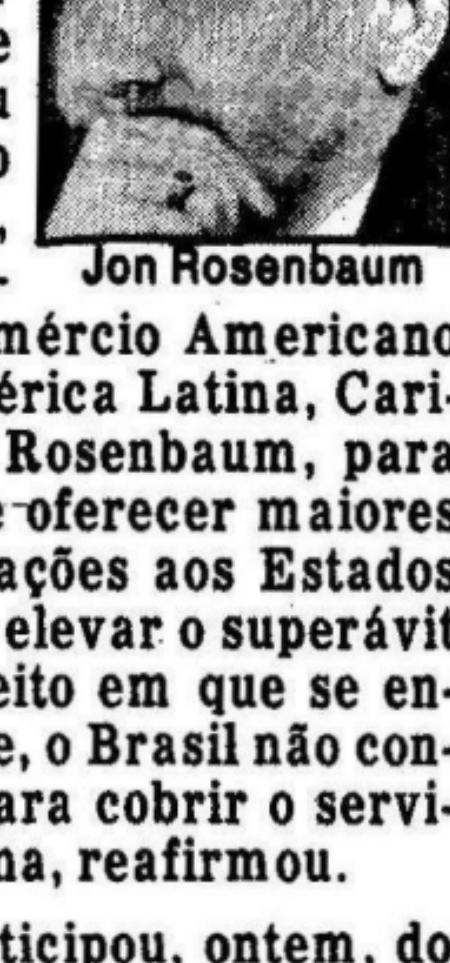


Pagamento do serviço depende das exportações

Será difícil, para o Brasil, pagar o serviço da dívida externa se não puder aumentar as exportações e liberalizar o seu mercado. O aviso foi feito, ontem, pelo Representante Adjunto do Comércio Americano (USTR) para América Latina, Caribe e África, Jon Rosenbaum, para quem o País deve oferecer maiores opções de importações aos Estados Unidos, - a fim de elevar o superávit comercial. "Do jeito em que se encontra o excedente, o Brasil não conseguirá dólares para cobrir o serviço da dívida externa, reafirmou.



Rosenbaum participou, ontem, do Seminário das Associações das Câmaras de Comércio Americana para o Brasil, no Hotel Intercontinental. Baixo e franzino, ele não manteve o tom agressivo que sempre marcou suas passagens anteriores pelo Brasil e foi um dos empresários mais requisitados para responder à platéia, formada de empresários brasileiros e de outros países da América Latina. Mas nem por isso mostrou uma posição menos dura em relação às negociações entre os dois países. Rosenbaum deixou claro que os Estados Unidos não querem "continuar a pagar mais caro por suas criações e seus direitos intelectuais vão ter de ser respeitados no exterior". E citou nominalmente o Brasil.

— Cada vez mais, os americanos se voltam para as atividades de criação e se forem roubadas, eles não terão retorno do investimento. Será muito difícil suportar a nossa proteção à propriedade intelectual, se ela não é respeitada, como acontece com os produtos farmacêuticos brasileiros, que não pagam royalties aos Estados Unidos.

Segundo Rosenbaum, os produtos farmacêuticos vendidos no País têm patentes, mas essas patentes não têm proteção. Ele afirmou que o Brasil tem de pagar royalties sobre esses produtos, pois não é justo que os americanos paguem mais caro por suas criações. Em sua opinião, o seu povo já está pagando caro ao provocar desemprego, quando aumenta o volume de importações.

— Não é apenas o Brasil que tem de fazer sacrifícios para pagar os serviços da dívida ampliando seus mercados e, consequentemente, conseguindo mais dólares. Os americanos também pagam o preço de perder empregos internamente com a compra de produtos de outros países.

Evitando de falar sobre Informática, "para não haver informações contraditórias, por parte da imprensa, que não ajudam em nada as negociações", Rosenbaum negou que os Estados Unidos estejam comprando menos café do Brasil como medida de retaliação contra a Lei de Informática brasileira. Ele disse, ainda que nada será feito até 31 de dezembro "conforme já havia anunciado o Presidente Ronald Reagan".

Para Rosenbaum, a queda dos investimentos estrangeiros não estão ligados a possíveis incertezas dos rumos do Plano Cruzado. Ele acha que as multinacionais estão esperando a elaboração da Constituição para ver como será tratado o capital estrangeiro no Brasil.